

**INFORMAÇÃO, COMPLEXIDADE E
AUTO-ORGANIZAÇÃO:
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**

Mariana Claudia Broens
João Antonio de Moraes
Edna Alves de Souza
(orgs.)

**INFORMAÇÃO, COMPLEXIDADE E
AUTO-ORGANIZAÇÃO:
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**

VOLUME 73 - 2015

COLEÇÃO CLE

COLEÇÃO CLE

Editor: Itala M. Loffredo D'Ottaviano

Conselho Editorial: Newton C.A. da Costa (USP) - Itala M. Loffredo D'Ottaviano (UNICAMP) - Fátima R. R. Évora (UNICAMP) - Osmyr F. Gabbi Jr. (UNICAMP) - Michel O. Ghins (UNIV. LOUVAIN) - Zeljko Loparic (UNICAMP) - Oswaldo Porchat Pereira (USP)

Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência
Cidade Universitária "Zeferino Vaz" - C.P. 6133 - 13083-970 Campinas, SP.
www.cle.unicamp.br
publicacoes@cle.unicamp.br

Copyright by Coleção CLE, 2015

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da FFC/Marília

I43 Informação, Complexidade e Auto-Organização: Estudos Interdisciplinares / Mariana Claudia Broens, João Antonio de Moraes, Edna Alves de Souza (orgs.) (orgs.). - Campinas : UNICAMP, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2015.

336 p. il (Coleção CLE ; v.73)

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-86497-23-0

1. Sistemas auto-organizadores. 2. Teoria da informação. 3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. I. Broens, Mariana Claudia. II. Moraes, João Antonio de. III. Souza, Edna Alves de. IV. Série

CDD 003.7

Índice para catálogo sistemático

1. Sistemas auto-organizadores 003.7

Capa:

Elaborada por Edevaldo D. Santos

IMPRESSO NO BRASIL

SUMÁRIO

Prefácio	7
Apresentação	11

PARTE 1 REFLEXÕES ACERCA DA INFORMAÇÃO EM SUA COMPLEXIDADE

Passado, presente e futuro do conceito de informação <i>Rafael Capurro</i>	21
Afinal, o que é informação? <i>Alfredo Pereira Júnior</i>	51
Percepção/ação: uma abordagem ecológica e informacional <i>Ramon Souza Capelle de Andrade</i>	71
Mente-mundo: uma proposta de análise realista natural <i>Edna Alves de Souza</i>	91
Notas para uma fenomenologia da vida informacional <i>João Antonio de Moraes; Eloísa Benvenuto de Andrade</i>	115

PARTE 2 INFORMAÇÃO, AUTO-ORGANIZAÇÃO E AÇÃO: DESDOBRAMENTOS INTERDISCIPLINARES

Eppur si muove! <i>Lauro Frederico Barbosa da Silveira</i>	135
O estudo das fronteiras da amizade na academia <i>Claus Emmeche</i>	145

Processo de iluminação e processo de auto-organização <i>Ettore Bresciani Filho</i>	177
Implicação e informação: uma análise quantitativo-informacional da implicação material <i>Marcos Antonio Alves; Itala M. Loffredo D'Ottaviano</i>	195
A dimensão ontológica do conceito de ação na filosofia de Charles S. Peirce <i>Ivo A. Ibri</i>	223
A criação e a escuta musicais a partir do conceito de auto-organização <i>Luis Felipe Oliveira</i>	239
Registros descritivos no contexto da complexidade <i>Placida L. V. A. da Costa Santos; Ana Maria Nogueira Machado</i>	257
Perspectiva em primeira pessoa e identidade narrativa: para uma abordagem prática-linguística da identidade pessoal <i>Cristina Amaro Viana Meireles</i>	273

PARTE 3
CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA
TRAJETÓRIA INTELECTUAL

Entrevista com o Prof. Dr. Antonio Trajano Menezes Arruda	307
Entrevista com a Profa. Dra. Carmen Beatriz Milidoni.....	315
Jogos epifenomenistas <i>Oswaldo Pessoa Jr.</i>	319
Um breve relato pessoal <i>Ramon Souza Capelle de Andrade</i>	333

JOGOS EPIFENOMENISTAS

OSVALDO PESSOA JR.

Departamento de Filosofia, Universidade de São Paulo, USP
opessoa@usp.br

1 INTRODUÇÃO

Seu nome era Wladimir Rodionoff, um russo que escapou da União Soviética casando-se com uma chinesa, e vindo parar no Brasil. Era mentiroso compulsivo: apesar de ser meramente um bom jogador de xadrez, dizia-se ex-campeão panamericano de xadrez! Isso impressionava a comunidade estadunidense de São Paulo, que incluía minha mãe, a Gringa. Nas sextas-feiras à tarde era comum os dois se trancarem no quarto, e quando minha irmã batia na porta, a Gringa dizia invariavelmente que estavam embrulhando presentes para o Natal, mesmo que estivéssemos em abril!

Não era isso que mais me irritava em Wladimir, pois meu pai já tinha me falado que o mundo moderno estava em processo de liberação geral dos costumes, que a religião estava em declínio irreversível, graças à ciência, e que o casamento aberto era a solução racional para o amor, naquele outono de 1984. O que me irritava é que Wladimir não me respeitava como o jovem universitário que eu era, mas me tratava como se fosse um rival de xadrez a quem sempre queria impressionar, desmoralizar e esmagar.

2 EPIFENOMENISMO¹

Dizia-se matemático e filósofo, e adorava discursar, após duas “caipiringas” (como dizia minha mãe), sobre o problema mente-corpo. Aos

¹ Prefiro esta tradução, do francês “épiphénoménisme”, ao mais tradicional “epifenomenalismo”, que é vertido diretamente do inglês. A razão principal é por ter uma sílaba a menos.

domingos meu pai voltava de viagem, e frequentemente havia convidados para o churrasco, como Wladimir e sua pobre esposa chinesa. Certa vez, num desses almoços, minha irmã tomou um gole de suco de laranja e reclamou: “Nossa, que gosto azedo!” Enquanto colocava o açúcar, o russo provocou:

– Foi teu cérebro que te fez pegar o açúcar!

Ante nossos olhares perplexos, continuou:

– Você *acha* que pegou o açúcar por causa da sensação subjetiva do gosto azedo. Mas a causa de você ter pego o açúcar foi o *correlato cerebral* do azedume, não o azedume enquanto qualidade subjetiva, o que é muito diferente.

Wladimir começou a expor suas novas ideias “epifenomenistas”. Defendia que nossa consciência subjetiva não exerce nenhuma influência causal sobre o corpo. Falou-nos da “teoria do autômato”, do biólogo Thomas Huxley (1874), uma das primeiras defesas explícitas do epifenomenismo. A consciência que temos dos fenômenos que nos aparecem, nos explicou Wladimir, seria como uma sombra, sem poderes causais, uma sombra que acompanharia o estado físico do cérebro, este sim dotado de poderes causais. A sombra é apenas um efeito, provocado pela obstrução da luz por um objeto, e que não causa nada.

– Mas, na relação entre cérebro e consciência, o que faria o papel da luz, na analogia que você traçou com a relação entre objeto e sombra?

Esta foi uma das raras vezes que o russo ficou sem resposta. Minha irmã era bem esperta, e continua sendo, aos sessenta anos.

O que tinha feito a cabeça do nosso filósofo de botequim eram os resultados do neurocientista Benjamin Libet, relatados em uma nota na revista *Psychology Today* da biblioteca da Escola Americana, onde trabalhava. A pesquisa de Libet et al. (1979) indicava que a formação de um estado de consciência demora em torno de meio segundo para emergir. Quando rebatemos uma bola de tênis, por exemplo, fazemos isso de maneira automática; demora cerca de meio segundo para tomarmos consciência do que aconteceu. Quando fazemos isso, pré-datamos a memória em meio

segundo para trás, de forma que ela se aproxima do tempo real em que o evento aconteceu. Isso é um ótimo exemplo de como a nossa construção subjetiva do real, ao longo da evolução biológica e da seleção natural, acaba se aproximando da realidade real.

3 JOGOS EPIFENOMENISTAS

Wladimir começou a nos atormentar com seus “jogos epifenomenistas”, como dizia meu pai. Naquele dia, anunciei:

- Gente, eu decidi que vou estudar na Unicamp, para sair da poluição, do barulho e do trânsito da capital!
- Você *acha* que decidiu! Quem decidiu foram os processos mecânicos do teu cérebro, os disparos dos neurônios. Você não está no controle do navio!
- Mas eu posso controlar a minha mão! Veja: agora vou levantar minha mão esquerda.

E num passe de mágica, minha mão esquerda se levantou.

- Isso é apenas uma ilusão, uma estória que sua consciência conta para si mesma, uma “confabulação”. O seu cérebro decidiu, seguindo as leis da física e da química, e isso causou *dois* eventos. Primeiro, você ficou com a sensação subjetiva de agência, a sensação de ter escolhido livremente, e depois, a sua mão se levantou. Mas não foi a sensação de agência que causou o movimento da mão. Foi um zumbizinho dentro de você, um pequeno autômato neuronal que causou as duas coisas!

No fim de semana seguinte, num belo entardecer, minha mãe se pôs a chorar quieta em uma cadeira no jardim.

- Você está triste?
- Não.

Mais tarde, conversando com minha irmã, bolamos um argumento contra Wladimir, no fundo uma maneira de lhe fazer sentir culpado, pois imaginamos que teria sido ele que fizera Mom chorar. Quando o rus-

so apareceu, e nossa mãe foi para a cozinha fazer dois *dry martinis*, lhe desafiamos:

– Nossa mãe chorou ao ver o céu cor de rosa. A beleza do céu a fez chorar. A sensação subjetiva da cor rosa e a sensação subjetiva de tristeza a fizeram chorar! A consciência e o sentimento de tristeza causaram o choro!

Wladimir respondeu secamente:

– A causa do choro não foi o *quale* da rosidão, mas o estado cerebral subjacente. Não foi o sentimento de tristeza que causou o choro, mas o choro que causou a tristeza.

Explicou-nos o significado daquela palavra em latim, “*quale*”, plural “*qualia*”, designando a qualidade subjetiva vivenciada conscientemente. Mas ficamos frustrados com suas respostas sempre prontas. Seria possível fazê-lo cair em contradição?

Contei para minha hermana uma ideia. Se eu vivenciasse um *quale* de maneira bastante intensa, e exclamasse que o estava vivenciando, como Wladimir poderia negar que a causa de eu *falar* sobre o *quale* teria sido o próprio *quale*? Entendeu? Falar sobre o *quale* é uma ação que só pode ter sido causada pelo *quale* referido na fala.

Enchi meus pulmões com o cheiro de jasmim no ar, e exclamei:

– Eu estou vivenciando o *quale* do odor de jasmim! Pronto, falei! O *quale* causou a minha fala.

Ele entendeu a provocação.

– Você falou isso não porque você vivenciou o *quale*, mas porque, antes disso, o seu cérebro entrou em um certo estado e, como consequência, ocorreram duas coisas: você vivenciou o estado subjetivo do *quale* e você emitiu certas palavras. A causa do ato de falar foi o estado *cerebral* produzido pelo cheiro, não o estado mental.

Wladimir parecia imbatível no jogo epifenomenista, explicando todas as nossas ações sem que a consciência subjetiva fosse considerada a causa da ação. Como derrotá-lo?

– Ora, eu falei que vivenciei o *quale* do odor do jasmim *porque* vivenciei o *quale* do odor do jasmim. Você está me chamando de mentiroso?

– Não, em absoluto, você não está mentindo: de fato você vivenciou o *quale* do jasmim. Mas não foi *por causa* disso que você *falou* ter vivenciado o *quale* do jasmim.

Minha irmã intercedeu:

– Wladimir, qual é a sua posição?

– *I'm an epiphenomenalist!*

– Você acredita ser um epifenomenista?

– *Sí, por supuesto.*

– Arrá, agora você caiu em contradição! – exclamou a sardenta. – Pois de acordo com sua visão epifenomenista, sua crença de que és um epifenomenista e seu desejo de falar isso não podem causar o ato de afirmação de que és um epifenomenista. Afinal, suas crenças e seus desejos deveriam ser causalmente ineficientes!²

– Usted non é fielll! –, provoquei, lembrando o dia que minha irmã desafiou uma freira espanhola.

– Uai, minha resposta é a mesma que para o Dão – continuou Wladimir.

– Um estado cerebral causou o meu *desejo* de falar que sou epifenomenista, e esse mesmo estado cerebral causou a minha fala!

Ele conseguiu escapar novamente! Apelamos:

– Mas como é que você sabe que é o mesmo estado cerebral que causou o desejo de falar e que causou o ato de falar?

– Porque eles vêm sempre juntos, em correlação. Portanto, tem que ter uma causa comum, já que um não causou o outro.

² Esta foi nossa versão do que em inglês é chamado de “*self-stultification*” (ROBINSON, 2011, p. 9), ou seja, a acusação de que o epifenomenismo se “auto-anularia”. Leal-Toledo (2009, p. 160-161) chama essas questões de “problema de minha mente”. Ver estes dois textos para uma discussão mais completa e várias referências contemporâneas sobre o epifenomenismo e seus críticos.

- Mas como é que você *prova* que o desejo não causou a ação?
- Eu não provo, mas vocês também não “disprovam”!

4 COMPORTANDO-SE COMO UM BEHAVIORISTA

Meu pai às vezes jogava xadrez com Wladimir, e um dia a conversa descambou para o problema mente-corpo. A essa altura eu tinha encontrado um artigo de Jerry Fodor, na *Scientific American*, e me sentia por dentro do assunto. Os dois discutiam amigavelmente, mas sem que nenhum cedesse ou admitisse ignorância, o que era comum entre os cientistas que frequentavam a casa.

- O problema mente-corpo é o de explicar como que esta cor âmbar do meu *rob roy* surge em sua mente, a partir dos processos neurológicos em seu cérebro.
- Ora – respondia meu pai – essa cor é definida a partir de seu espectro luminoso. Na verdade, em uma TV, esta mesma cor é gerada com uma curva espectral totalmente diferente.
- Sim, mas há uma diferença entre a cor física, dada pelos comprimentos de onda da luz, e a cor subjetiva, da qual estamos conscientes.
- Como assim? Isso parece jogo de palavras. Defina o que é “consciência”!
- A consciência do *quale* de âmbar é isso que a gente sente quando olha aqui – disse Wladimir, apontando para a taça de *rob roy* quase vazia.
- Mas isso não é uma “definição”. O que define a cor é a curva espectral.
- Mas Frota, um robô pode discernir a mesma cor que a gente, mas nem por isso ele tem a experiência do *quale* da “ambaridão”.
- O que me garante que um robô não pode ver as mesmas cores que a gente? Se ele discerne as cores, e se comporta com um ser humano, por que não podemos dizer que ele tem consciência?

A discussão deve ter durado uma hora, e só foi interrompida com o anúncio de que o almoço estava na mesa. Não havia maneira de conven-

cer meu pai de que havia de fato um problema, o que deixava Wladimir perplexo.

Influenciado pelo artigo “funcionalista” de Fodor (1981), comecei a defender uma ideia parecida com a do meu pai, de que robôs podem ter consciência, desde que a organização do seu cérebro seja comparável ao de nosso cérebro. Mas nossas noções a respeito do que é consciência eram diferentes: em seu behaviorismo radical, a palavra “consciência” era vazia, já que não haveria como observá-la objetivamente. Na minha visão, a consciência de fato existia como algo vivenciado subjetivamente, mas eu não via porque robôs artificiais não poderiam ter consciência genuína.

Minha irmã leu o artigo de Fodor, mas não se impressionou. E ressaltou um trecho em que o próprio Fodor, funcionalista, admitia um possível limite para sua interpretação, no que chamou “o problema do conteúdo qualitativo” (FODOR, 1981, p. 127-128). Eu e ela tínhamos nossas diferenças. Para mim, era óbvio que as cores estão em nosso cérebro, ou em nossa mente, como tinham ressaltado Galileu e Locke, em suas discussões das qualidades “secundárias”, e mais claramente Hume (cf. MAUD, 2012, p. 3). Já ela seguia a linha de Thomas Reid, e mais modernamente J. J. Gibson, defendendo que as cores estão nas coisas, ou então, nas relações entre as coisas e a nossa mente (cf. MAUD, 2012, p. 30, 56). Nisso parecia concordar com nosso pai.

Mas não tínhamos recursos para fazer frente ao jogo epifenomenista de Wladimir, e muito menos para convencer nosso pai positivista. Até a chegada do Tio Charles e sua família.

5 O PEQUENO MAL

Charles Chablotz era um ornitólogo suíço, primo do pintor que casou com minha tia e se radicou no Ceará, e que era um bom amigo de meu pai, também biólogo. Afirmava que alguns pássaros eram tão inteligentes quanto os chimpanzés, como o corvo da Nova Caledônia, que fazia instrumentos para pegar insetos esculpindo com seu bico pequenos galhos de árvore. Surpreendeu-nos com a afirmação de que havia visto pegas fazendo

uma espécie de funeral para um companheiro morto, bicando levemente o cadáver e colocando ramos em volta. Meu pai explicava que a inteligência dos pássaros, que não tinham córtex cerebral como os mamíferos, era um exemplo de evolução convergente de um traço a partir da pressão seletiva (EMERY, 2006).

Em suas vindas ao Brasil, Charles nos acordava às 4 da manhã para irmos ver passarinhos no horto florestal, com gravador, câmera fotográfica e binóculos. Para mim, era um sofrimento levantar tão cedo no fim de semana, e eu ia dormindo para o bosque, onde então finalmente acordava, encantado com o raro espetáculo sonoro e visual. Minha irmã não sofria.

Naquela ocasião, Tio Charles viera com sua esposa Jeanne-Marie e seu filho Horace. Na volta do horto, passamos a pé por uma ponte e paramos para contemplar o pequeno rio, quando Horace deixou sua bola de futebol cair no rio! Ele quis pular nas águas do rio para pegá-la, mas os adultos não deixaram. Ficamos desolados olhando a bola lentamente descer o rio, por entre os galhos de árvore, até desaparecer.

– Parecemos filósofos alienados, ao contemplarmos a realidade sem conseguimos influir nela! – exclamou minha irmã, influenciada por suas breves leituras marxistas.

Voltamos para casa, e ficamos reunidos na varanda de casa, no final da manhã ensolarada, enquanto chegavam alguns convidados para o tradicional churrasco dominical. Entre eles estava Wladimir e o espalhafatoso biólogo Crodowaldo Pavan, com sua falante esposa. O pequeno Horace brincava em uma piscininha de plástico montada no jardim, com minha irmã, quando de repente teve uma breve crise epilética. Enquanto ele brincava de jogar a água para cima com as mãos, ele subitamente parou, de pé, olhando para frente.

– Horace! Horace! – exclamou minha irmã, mas ele não respondia. O guri mexia as mãos, até tirou o cabelo da testa, mas estava “fora do ar”. Depois de meio minuto voltou, continuando a brincar como se nada tivesse acontecido!

Jeanne-Marie nos falou que ele tinha uma condição neurológica chamada epilepsia de “petit mal”, ou ausência. Horace perdia a consciência por vários segundos, e depois voltava ao normal. Às vezes isso acontecia enquanto caminhava, e nesses casos ele continuava andando, mesmo que totalmente desligado!

Wladimir aproveitou para chamar a atenção e ser indelicado:

– Isso mostra que pessoas podem fazer as coisas sem ter consciência, de maneira automática! Isso é mais uma evidência de que a consciência é um epifenômeno!

– Ora, Wladimir –, retrucou Charles, mordido, com sotaque francês – o fato de pessoas terem epilepsia de *petit mal* não é um argumento a favor do *épiphénoménisme*!

– Como não? Huxley (1874) descreveu o caso de um soldado hospitalizado com lesões no cérebro. O soldado permanecia prostrado na cama, sem esboçar nenhuma reação, sem consciência, mas umas duas vezes por mês se levantava e seguia toda a rotina de preparação da arma, às vezes até a utilizando para atirar. Ele podia fazer isso sem consciência, de maneira automática, e isso convenceu o buldogue de Darwin de que a consciência é supérflua para o comportamento!

– Isso é *ridicule*. É fácil distinguir o comportamento automático de Horace de um comportamento consciente. Quando Horace fica ausente, sem consciência, ele não age normalmente. Ninguém conseguiria sobreviver sem consciência.

Todos olhavam para o simpático Horace, envolto em uma toalha, que ouvia sorridente a conversa, sem entender muito do português. Wladimir pensou um pouco antes de responder, e adotou uma postura defensiva.

– Okay, neste caso dá para perceber que a pessoa perdeu a consciência. Mas o que ocorre é que a crise epilética, que é claramente visível no eletroencefalograma, varre não somente a consciência, mas também várias outras funções do cérebro. Se ela afetasse *somente* a consciência, não perceberíamos.

O russo moveu a peça certa para se defender, mas a colocou na casa errada.

– Você está defendendo que poderia existir um ser humano sem consciência, sem a experiência subjetiva de *qualia*, mas que se comportaria exatamente como um ser humano normal? Que construiria pontes, discursaria no parlamento e argumentaria contra o materialismo, como imaginou o psicólogo George Stout (1931, p. 138)? Você acredita na possibilidade de um “zumbi filosófico”?

Cheque ao rei!

– Sim, por que não?

– Não há nenhuma evidência de que possam existir humanos sem consciência que se comportam como se tivessem. Não há zumbis filosóficos.

– Bem, tudo bem, talvez não haja, da mesma maneira que neste jardim não há corpos sem sombra. Mas isso não significa que as sombras não sejam epifenômenos, padrões sem poderes causais, assim como a nossa consciência!

Aos nossos olhos, Wladimir perdeu a partida, mas ele encontrou uma maneira de continuar sustentando seu epifenomenismo, sem cair em contradição.

6 SELEÇÃO NATURAL DA CONSCIÊNCIA

Enquanto espremia uma batata assada, com casca e tudo, e punha manteiga e sal, Charles contou que o psicólogo William James (1890) tinha dado um argumento forte contra o epifenomenismo de Huxley, com base na teoria da seleção natural. Se a consciência subjetiva não tivesse poderes causais, como quer o epifenomenista, como ela poderia ser biologicamente selecionada, dado que sua presença (segundo o epifenomenista) não levaria a nenhuma ação, não traria nenhuma vantagem para a sobrevivência do indivíduo?

Este era um excelente argumento! A vantagem de se ter consciência é que isso aumenta a eficiência de nossas ações, no meio natural e social.

Na introspecção, podemos dizer que a observação dos *qualia* fenomênicos é passiva, e podemos não ter ciência de como isso beneficia nossas ações. Mas o argumento da seleção natural sugere que há um benefício, baseado possivelmente no maior discernimento que o reconhecimento dos *qualia* oferece. O experimento de Libet mostra que a consciência não é eficaz para a ação rápida, pois demora em torno de meio segundo para se formar. Mas para a ação mediada, deliberada em tempos maiores do que meio segundo, ela seria eficaz, segundo o argumento do Tio Charles.

Eu e minha irmã convencemos Mom a convidar Wladimir para almoçar com Tio Charles. Na mesa do almoço dominical, diante das travessas de alface crespa e das “caipiringas” de lima da Pérsia, apresentamos o argumento da seleção natural para o russo.

– Ora, os *qualia* são um produto secundário da seleção natural! – respondeu sem pestanejar. – São como a cor vermelha do sangue. Você acha que o sangue ficou vermelho porque isso desempenhava alguma função adaptativa?

– O Gould e o Lewontin (1979) discutem isso, falando dos tímpanos (*spandrels*) das catedrais, que seriam subprodutos do plano arquitetônico das igrejas – observou meu pai, contando que dividira sala com Lewontin na Universidade de Columbia, na década de 1950. – Na “pleiotropia”, um gene determina vários traços, e em geral apenas um deles traz vantagem seletiva.

– Ora, mas a cor do sangue é um traço irrelevante. Já a consciência é vital para nossa capacidade de prestar atenção em detalhes e planejar nossa ação. É extremamente improvável que uma característica tão importante quanto a consciência tenha surgido sem que tenha sido uma adaptação ao ambiente! – retrucou Charles.

– Mas qual poderia ser a vantagem do reconhecimento de *qualia* para a eficácia de nossas ações? – insistiu o russo. – Um robô mecânico sem consciência não conseguiria distinguir eficientemente as informações ópticas, sonoras e químicas provindas do ambiente? Qual seria a vantagem de se ter consciência?

– Maior eficiência! De alguma maneira, ainda desconhecida, a vivência dos *qualia* permitiria uma capacidade melhor para tomar boas decisões, talvez envolvendo uma memorização mais eficaz.

Wladimir pensou um pouco, como se seu rei estivesse novamente em xeque, mas logo retornou ao seu jogo epifenomenista:

– Esta capacidade de tomar melhores decisões é algo diferente da consciência fenomênica. A moeda da consciência tem dois lados: um é a percepção fenomênica, que vivenciamos por introspecção, e o outro é a ação consciente, que envolve algo que não podemos identificar por introspecção. A consciência foi selecionada por causa de um dos lados da moeda, a ação, e o outro veio junto, como um bonito bônus. A parte fenomênica da consciência é, no final das contas, apenas um mero subproduto sem função da seleção natural!

Nossa mãe finalizou o jogo de xadrez filosófico:

– Está na mesa! Crica, pegue as batatas no forno!

Não tínhamos conseguido levar Wladimir a uma contradição, mas sentimos que estávamos entendendo melhor o problema.

REFERÊNCIAS

- EMERY, N. J. Cognitive ornithology: the evolution of avian intelligence. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London B*, v. 361, p. 23-43, 2006.
- FODOR, J. A. The mind-body problem. *Scientific American*, v. 244, n. 1, p. 124-132, 148. Jan., 1981. Em português, tradução de S. F. Araújo. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Fodor-Port-4.pdf>>.
- GOULD, S. J.; LEWONTIN, R. C. The spandrels of San Marco and the panglossian paradigm: a critique of the adaptationist programme. *Proceedings of the Royal Society of London B*, v. 205, p. 581-598, 1979.
- HUXLEY, T. H. On the hypothesis that animals are automata. *Fortnightly Review*, v. 16, p. 555-580, 1874. Em português, trechos disponíveis em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/Huxley-1.pdf>>.

JAMES, W. The automaton-theory. *The principles of psychology*. New York: Holt, 1890. cap. 5, p. 128-144, 1890. Disponível em: <<http://psychclassics.yorku.ca/James/Principles/prin5.htm>>.

LEAL-TOLEDO, G. O paradoxo de Chalmers. *Trans/Form/Ação*, 32, p. 159-173, 2009.

LIBET, B.; WRIGHT, E. W.; FEINSTEIN, B.; PEARL, D. Subjective referral of the timing for a conscious sensory experience: a functional role for the somatosensory specific projection system in man. *Brain*, v. 102, p. 193-224, 1979.

MAUD, B. Color. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. PDF version, 2012. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/color/>>.

ROBINSON, W. Epiphenomalism. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. PDF version, 2011. Disponível em: <<http://plato.stanford.edu/archives/win2012/entries/epiphenomalism/>>.

STOUT, G. F. *Mind and matter*. Cambridge: Cambridge University Press, 1931.

Agradecimentos:

Para lembrar os argumentos de Wladimir, contei com a ajuda do meu velho amigo Daniel Luporini, de sugestões de Juliana Orione e de parecerista anônimo, sendo que alguns detalhes da época foram lembrados por José Artur Gonzalez.

